



Carlos Antonio Pinto

PODE A CRÔNICA PROPICIAR LITERATURA?

Lavras – MG

2021

Carlos Antonio Pinto

PODE A CRÔNICA PROPICIAR LITERATURA?

Artigo apresentado ao curso de Letras/Português da Universidade Federal de Lavras, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em Letras.

Orientador (a): Mariana Aparecida de Carvalho

Lavras – MG

2021

Dedicatória:

Às pessoas que me incentivaram e acreditaram que eu concluiria esse Curso, especialmente minha esposa Rosângela.

Agradecimento

Agradeço ao Criador Supremo por essa vitória nessa fase da existência de minha alma.

RESUMO

A crônica é um gênero textual narrativo que, em sua origem, de maneira um tanto despreziosa, se destinava a narrar o cotidiano. Com o tempo, foi adquirindo propriedades diversas, tanto que, atualmente, além de continuar exercendo sua função original, pode também ser classificada como um gênero de tema livre e portador de uma tipologia diversa. Há a crônica literária, a humorística, a crítica, a politizada, a sentimentalista, a poética, a reflexiva, a culinária, dentre outras. Por ser gênero de “consumo rápido” e precisar de pouco espaço nos suportes nos quais são publicadas, as crônicas tem veiculação fácil, encontrando-se em jornais, revistas, livros e meios virtuais em geral. De texto curto, nas crônicas, portanto, o tempo e o espaço são limitados e podem, em alguns casos, serem confundidas com artigos de opinião ou até, por outro lado, com o conto, eminentemente um gênero literário. Nesse caso, há consenso, entre especialistas e autores diversos, de que crônica é um gênero que se situa entre o jornalismo e a literatura. Se pende para o lado do jornalismo, tal gênero possibilita fazer a narrativa de importante ou até mesmo conturbado fato noticioso, de maneira a parecer estar havendo simplesmente uma conversa descontraída entre cronista e leitor. E se, pendendo para o outro lado, a crônica pode flertar com a literatura e ficar parecida a um conto, dá subsídios a se fazer a pergunta que nomeia o presente trabalho: “Pode a crônica propiciar literatura?”.

Palavras-chave: crônica; literatura; jornalismo.

ABSTRACT

The chronicle is a textual narrative genre that, in its origin, in a somewhat unpretentious way, was intended to narrate everyday life. Over time, it acquired different properties, so much so that, today, in addition to continuing to exercise its original function, it can also be qualified as a genre with a free theme and a different typology. There is a literary chronicle, a humorous one, a critic, a politicized, a sentimentalist, a poetic, a reflective, a cuisine, among others. Because it is a genre of “fast consumption” and needs little space in the media in which it is published, as chronicles it has easy circulation, being found in newspapers, magazines, books and virtual media in general. With a short text, in the chronicles, therefore, time and space are invited and can, in some cases, be confused with opinion articles or even, on the other hand, with the short story, eminently a literary genre. In this case, there is a consensus, among different experts and authors, that chronicle is a genre that lies between journalism and literature.

If leaning towards journalism, this genre makes it possible to narrate an important or even disturbing news, so that it seems to be just having a relaxed conversation between the columnist and the reader. And if, leaning to the other side, the chronicle can flirt with literature and become similar to a short story, it gives subsidies to ask the question that names the present work: “Can the chronicle provide literature?”.

Keywords: chronicle; literature; journalism.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	8
1 - Considerações sobre Literatura.....	11
2 - Considerações sobre o gênero crônica.....	19
3 - Crônica e Conto: aproximações e distanciamentos.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31

INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura responder a uma pergunta: “Pode a crônica propiciar literatura?”. Sendo assim, foram considerados artigos e textos que tratam de literatura e textos que tratam de crônica. No trabalho, são considerados, então, dois temas específicos, que são entrelaçados visando responder a questão. Por premissa, procurar-se-á tratar sobre literatura apenas num limite que dê subsídios à resposta procurada. Porém, no trabalho, a literatura é um “norte”. Sendo assim, procurar-se-á apresentar algumas definições, bem como considerar e apresentar artigos e fragmentos de livros escritos por especialistas no assunto. Quanto à crônica, tem-se por premissa que, quando é chamada de “crônica literária” (interessa-nos o termo/nomeação por motivos óbvios), pode indicar mais de uma direção – e o assunto será tratado mais especificamente no capítulo dedicado a crônicas. No geral, as crônicas podem ser de diversos tipos, e nelas podem ser empregados os mais diversos recursos estilísticos e textuais, sempre visando proporcionar, ao leitor, uma leitura informativa, porém, por vezes, de teor suave e ou divertido. Leva-se em conta ainda que, geralmente, a crônica pode até ser informativa, mas, no entanto, não tem compromisso com a seriedade da matéria jornalística. E também leva-se em conta que a crônica pode ser bem redigida, com requintes de embelezamento textual, porém, em maioria, não tem a pretensão (ou condição) de se colocar como texto literário.

Dito, “em maioria”, em razão de que uma fração pode, sim, ter a pretensão e ou condição de ser considerada literatura. Enfim, crônica, se é feita pra ser crônica, é, em si, suficiente como gênero (e assim se assegura que fora redigida por um cronista). Se, em alguns casos, flerta com a literatura, seu autor pode passar a ser considerado, também, contista – leve-se em conta que ambos, cronista e contista, são escritores que sabem lidar com maestria não só com a disposição das palavras, mas também, com embelezamento de textos.

Crônica é, então, um texto livre que, em certos casos, pode flertar com a literatura, e pode, por outro lado, acostar no jornalismo. Por sinal, a crônica, qualquer que seja, sempre foi comumente veiculada em jornais, sejam impressos ou na forma virtual. Outros meios de sua veiculação são revistas impressas e virtuais. Também há livros com coletâneas de crônicas, reunindo autores diversos. Quanto aos cronistas, há infinidade deles, sendo que são autores que também

escrevem em outros gêneros. Por ser um texto geralmente curto e, na maioria das vezes, tratar de assuntos cotidianos do momento, a crônica é bem recebida pelo leitor e se coloca como um gênero que não deve faltar no meio midiático.

Nesse sentido, pode-se deduzir que, nos antigos e volumosos jornais impressos da era pré-internet, a crônica funcionava, para o leitor, como uma espécie de “recreio” ou de pausa entre as muitas folhas que traziam as notícias do dia-a-dia, tendo, portanto, desde sempre, sua importância.

De modo a aprofundar-se no estudo desse gênero que se liga tanto ao literário quanto ao jornalístico, também farão parte do presente estudo muito do inerente ou alusivo a outros gêneros literários, bem como considerações a respeito do jornalismo.

Para o tratamento de tão envolvente assunto, se recorrerá e se citará teóricos consagrados e especialistas no assunto em geral. Será trazido fragmentos de livros de teóricos como Terry Eagleton, René Wellek e Austin Warem, bem como crônicas (ou citações destas) de autores como Carlos Heitor Cony, entre outros.

O trabalho será dividido por capítulos, em que, no primeiro, serão tecidas considerações sobre Literatura; no segundo capítulo, serão apresentadas considerações sobre o gênero textual crônica; já o terceiro capítulo será dedicado a analisar aproximações e distanciamentos entre os gêneros crônica e conto; na quarta seção, as considerações finais, procurar-se-á juntar os subsídios que porventura contribuam para melhor trazer entendimento à pergunta/título.

Em suma, a presente pesquisa visa responder à pergunta/título “Pode a crônica propiciar literatura?” e leva em conta que tão importante assunto já é tratado há muito, sob diversos títulos e estilos, sendo, portanto, tema bastante recorrente não somente no meio acadêmico, como entre leitores e também escritores. Da parte da autoria deste trabalho procurar-se-á agregar algum parecer ao rol dos já existentes, contribuindo, assim, para o desenvolvimento da discussão acerca do assunto. Por sua vez, a autoria considera o tema como o mais instigante e mais desafiador de entre os modos desenvolvidos para que haja comunicação escrita, afinal uma crônica pode, a “meio curso” de sua elaboração, até mesmo transmutar-se em outros estilos ou gêneros. E considera, ao mesmo tempo, ser a crônica o modo menos complexo ou mais comum na comunicação escrita, afinal

ela remete a “tema livre”, o que facilita a incursão de aspirantes a escritores e jornalistas no estimulante mundo da escrita.

1 - Considerações sobre Literatura

Se a literatura é aqui o “norte”, cabe, antes de uma averiguação maior em torno do termo, citar algumas definições: “Literatura é arte de escrever trabalhos artísticos em prosa ou verso; É o conjunto das produções literárias de um país, de uma época; Há a literatura de ficção: o romance, a novela, o conto” (DICIO, 2021). E considere-se, também, uma das muitas possíveis definições de literatura elaboradas para enriquecer artigos: “Literatura é a arte de conferir novos significados às palavras. Por meio da arte literária, o escritor extrapola e transfigura a realidade” (PEREZ, 2021). Desse modo, pode-se sintetizar que literatura remete a um conjunto de habilidades que proporciona um escrever de forma correta e embelezada, sendo que é confeccionada dentro de uma escrita que encanta ou que, no mínimo, “cause estranhamento” (EAGLETON, 1983, p.5) ao leitor.

Como é sabido, literatura foi dividida em três gêneros que, na origem dessa classificação, considerada clássica, foram assim nomeados (e classificados): gênero lírico, gênero dramático e gênero épico. Na atualidade, temos subdivisões de gêneros literários em cada elemento da antiga divisão clássica.

O gênero lírico, do termo “lyricu”, tem como referência a “lira”, instrumento que era utilizado na antiguidade para acompanhar as poesias, que eram, então, cantadas. O gênero lírico, basicamente, refere-se à poesia – os textos em verso. Por sua vez, a poesia trata, em maioria, de temas subjetivos, retratando o amor e a natureza. A principal característica do gênero lírico, então, é a de estar ligado à poesia; à subjetividade; ao sentimento, emotividade e afetividade; à metrificacão e rima; à musicalidade (DIANA, 2021).

Quanto ao gênero dramático, pode ser entendido, também, como postulado por Diana (2021), como gênero Teatral. São textos literários confeccionados para serem lidos sob a forma de encenações ou dramatizações. O gênero dramático originou-se na Grécia antiga, em que os textos teatrais eram encenados como culto aos deuses, encenações estas que se davam, geralmente, em festas religiosas. Na antiguidade, a encenação dos textos tinha como objetivo despertar emoção na plateia, da mesma forma que acontece na atualidade, em que uma peça teatral também se serve desse preceito. Assim sendo, as características do gênero dramático são a linguagem gestual e a sonoplastia (chamada encenações cênicas);

a presença de diálogos e monólogos e o predomínio do discurso em segunda pessoa (tu, vós).

Já o gênero épico é considerado como a mais antiga manifestação literária. Termo proveniente do grego “epikós”, faz referência à narrativa feita em versos que retrata acontecimentos grandiosos, sejam estes históricos reais, lendários ou mitológicos que, geralmente, eram vinculados à figura de um herói que, muitas vezes, era considerado um semideus. O gênero épico está atrelado a grandes narrativas como as obras *Ilíada* e *Odisseia* (de Homero) e os *Lusíadas* (de Luis de Camões), por exemplo. Sendo assim (e por esses caminhos), conforme Diana (2021) o gênero épico hoje é tratado por gênero Narrativo. A principal característica (e emprego) do Gênero Épico (Narrativo) é o poema longo, geralmente usado na antiguidade.

A autora continua a afirmar que, quanto aos textos narrativos da atualidade e, especificamente já tratando o gênero épico por gênero narrativo, tem-se que uma de suas definições alega que se trata de um gênero geralmente em prosa, com intuito de narrar uma história e, para que um texto seja considerado narrativo, precisa conter os seguintes elementos: Enredo; narrador; personagens; tempo; espaço. São alguns subgêneros narrativos o romance, o conto, a fábula, a crônica e a epopeia.

Evidentemente que, com o tempo, passaria a haver subdivisões e isso aconteceu. Se há uma “função da literatura”, passa por “representar recriações da realidade produzidas de maneira artística” (DIANA, 2021), em que o autor se utiliza em seu sentido figurado (conotativo) para “oferecer maior expressividade, subjetividade e sentimentos ao texto” (DIANA, 2021). Sendo assim, a autora conclui dizendo que a literatura engloba os aspectos de determinadas sociedades, provocando reflexões e sensações no leitor.

Tratar sobre literatura requer citar grandes articulistas e, nesse caso, citar-se-á aqui fragmentos dos livros **Teoria da Literatura: Uma Introdução**, de Terry Eagleton (1983) e **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**, de René Wellek e Austin Warren (1970).

Eagleton, já no início de seu livro, pontua: “Se a teoria literária existe, parece óbvio que haja alguma coisa chamada literatura, sobre a qual se teoriza. Podemos começar, então, por levantar a questão: o que é literatura?” (EAGLETON, 1983, p.1). E o autor deixa claro a seguir: “Muitas tem sido as

tentativas de definir literatura”. Considerando, então, que há muitas tentativas de definir literatura e que, afinal, logra-se êxito, muitas definições podem ser consideradas. Nesse caso, como dito na introdução, se a premissa é procurar subsídios à pergunta/título, tem-se, no fragmento supracitado de Eagleton, um alento, uma vez que diz que “literatura [...] sobre a qual se teoriza”, nos leva a considerar que, uma vez que se procura resposta à pergunta/problema, pode-se teorizar.

O autor, a certo ponto, pontua que literatura é “escrita ‘imaginativa’” (EAGLETON, 1983, p.1), para, a seguir, assegurar o emprego ou defesa dessa ideia. Para o propósito deste trabalho é de bastante valia a definição dada. “Escrita ‘imaginativa’” certamente serve para definir literatura e, aqui, considerar-se-á que, dentro de uma crônica, seja crônica literária, gastronômica, humorística, futebolística ou as demais, é certamente necessário, ao autor, “usar de imaginação”, enfim, exercitar e aplicar sua “escrita imaginativa”.

Outro ponto importante no parecer do autor é quando discorre sobre “fato” e “ficção”. Faz isso levando em conta não só a propriedade de serem, tais termos, intrínsecos à literatura, mas procura apontar, nos gêneros textuais diversos, o que pode ser e o que pode não ser literatura. Pontua, por exemplo, nesses termos: “alguns tipos de histórias em quadrinhos são ficção, mas não são literatura – muito menos Literatura” (EAGLETON, 1983, p.3). O autor, ao menos nessa sequência, não explica porque distinguiu literatura usando do artifício de tratá-la por literatura com “l” minúsculo e, em contraposição, literatura com “L” maiúsculo – no entanto, é comum nos depararmos com autores (ou leitores, ou críticos literários) que falam em “literatura maior”, por exemplo.

Nesse sentido, há que, em relação à afirmação do autor, concordar que há obras consideradas clássicos canônicos, e que estas são sempre as mais requeridas e constadas no universo acadêmico, bem como referenciadas e escolhidas para provas e concursos. Sendo assim, pode-se depreender que, ao menos à uma primeira impressão, obras canônicas e não canônicas seguem, na linha temporal, próximas entre si e numa mesma direção (afinal, ambas são obras escritas – e o não canônico hoje pode se tornar canônico amanhã), porém, parecem correr em vias dissociadas. No mais, ainda em concordância com o autor, é possível depreender que simplesmente ser ficção não é mesmo atributo elementar para ser literatura. Já, em relação a fato, está-se no terreno do consensual que, uma vez

escrito, há fato que não se enquadrará como literatura e há aquele fato escrito que poderá, ao menos em algum momento, ser entendido como portador de linguagem literária. Então, aqui parafraseando o autor, pode-se depreender que “literatura pode ser em fato ou ficção, mas fato e ficção também representam o oposto de literatura”. E o autor, então, conclui que até a própria distinção entre fato e ficção é “muitas vezes questionável” (EAGLETON, 1983, p.2). No mais, talvez seja possível constatar que, a depender dos gêneros narrativos diversos, dos aspectos culturais envolvidos, considerando, ainda, que “a história anda” e os valores se modificam, apontar, na literatura, o que é exatamente “fato” e o que é exatamente “ficção”, pode levar apenas a um exercício de respostas controversas e nada unânimes – ocorrência naturalmente inerente ao campo da literatura. Assim – ao menos é o que se pode depreender nesse fragmento da obra de Eagleton –, a ideia que fica é que “fato” e “ficção” (bem como sua distinção) são termos ou conceitos que podem ser enquadrados como maleáveis ou flexíveis. Para o propósito desse trabalho são importantes essas distinções (ou não distinções), uma vez que o gênero crônica segue sendo de “tema livre”. Enfim – e encerrando a instigante abordagem do autor sobre fato e ficção –, procura-se aqui defender que, a exemplo do texto eminentemente literário, tanto “fato” quanto “ficção” podem ser narrados sob forma de gênero textual crônica, independente de serem termos (ou conceitos) maleáveis ou flexíveis. Daí, também, aproximamo-nos, mais um pouco, de uma resposta à pergunta/problema.

Um ponto alto do texto de Eagleton é quando explica que, em dado momento histórico, dentro de um contexto social específico, a literatura foi considerada “uma organização particular de linguagem” (EAGLETON, 1983, p.4), afirmação pertinente com relação ao trabalho em andamento. Ora, a crônica, mesmo com sua diversidade e permissividade a temas livres, também pode ser elaborada buscando se inserir em uma “organização particular de linguagem”. Por sinal não é “proibido” a um cronista usar uma “organização particular de linguagem”, que certamente pode ser entendida como a união entre o estilo do autor e sua íntima inspiração para criar. Nesse caso, um cronista e um contista, por exemplo, ocupam uma mesma posição.

A considerar esta possibilidade, se uma crônica vier a parecer estar trazendo traços de literatura, esta poderá ficar parecida a um conto – conforme será abordado mais à frente.

Ainda, em Eagleton, há um momento especial em sua tese sobre literatura, onde esclarece que:

[...] na verdade, incluíam todo o estoque de elementos literários formais; e o que todos esses elementos tinham em comum era o efeito de ‘estranhamento’ ou de ‘desfamiliarização’. A especificidade da linguagem literária, aquilo que a distinguiu de outras formas de discurso, era o fato de ela ‘deformar’ a linguagem comum de várias maneiras. Sob a pressão dos artificios literários, a linguagem comum era intensificada, condensada, torcida, reduzida, ampliada, invertida. Era uma linguagem que se ‘tornara estranha’, e, graças a esse estranhamento, todo o mundo cotidiano transformava-se, subitamente, em algo não familiar (EAGLETON, 1983, p.5).

Assim sendo, depreende-se que o texto literário, além de encantar, pode causar “estranhamento” no (ao) leitor. Claro que um conto, por exemplo, pode possibilitar isso e muito mais. Ao presente trabalho, serve a percepção de que uma crônica pode conseguir o mesmo efeito de “estranhamento”, de “desfamiliarização”, e isto a aproximaria, então, da literatura.

Quanto aos postulados de Wellek e Warren, no livro **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários** (1970), os autores distinguem estudos literários e literatura, enfatizando a afirmação de que os estudos literários são “[...] se não exatamente uma ciência, é uma espécie de conhecimento ou saber”, enquanto que, literatura “[...] é criadora, é uma arte” (Wellek e Warren, 1970, p.3). Se são razoáveis tais afirmativas, são úteis ao trabalho que aqui se desenvolve, uma vez que, ao se tratar do gênero crônica e do seu possível e ou eventual “flerte” com a literatura, mais se poderá progredir rumo à resposta da pergunta/problema que traz o título.

Institui-se, em tempo, que o trabalho que aqui se desenvolve leva em conta “estudos literários”, da mesma forma que aborda e considera a literatura como “criadora e arte”. Isto em razão de que a crônica é “criada” e, por ser criada, pode surgir tão apurada que possa ser considerada “arte” e, sendo assim, levando em conta que literatura é a arte de lidar com as palavras, então, concomitantemente, crônica pode, também, ser “estudada” a partir dos “estudos literários”.

Os autores chegam a um ponto fundamental fazendo-se três perguntas: “O que é literatura?”, “O que não é literatura?” e “Qual a natureza da literatura?” (Wellek e Warren, 1970, p.11). No caso, a pergunta que nos é interessante é “Qual a natureza da literatura?”. Isso em razão de que, se é propósito do trabalho em

andamento encontrar uma ligação entre o gênero crônica e literatura, uma possível resposta a “qual a natureza da literatura?” pode ajudar a dar um parecer favorável na análise considerada em andamento.

Nesta tentativa de enquadrar ou encontrar “naturezas” para a literatura, os autores do texto em evidência procuram aplicar a dualidade ‘literatura X natureza’ e atingem um ponto importante ao constatarem:

A língua é o material da literatura, como a pedra e o bronze são os da escultura, as tintas o da pintura, os sons o da música. Devemos perceber, porém, que a língua não é matéria inerte, como a pedra, mas é, ela própria, uma criação do homem e, assim, carregada de herança cultural de um grupo linguístico” (WELLEK E WAREN, 1970, p.14).

Tal constatação dos autores instiga a parecer-nos certa e parece ainda oferecer um ápice deste hipotético acerto quando pontuam que o “material da literatura” é atemporal e infinito. Ao trabalho presente, quando se menciona alguma analogia ao “tempo”, logo procura se remeter a ‘cronos’ ou crônica. Então a crônica, tal qual o conto – este estritamente um gênero literário –, pode se encaixar nos ditames expostos pelos autores. Se crônica pode ser explicada por definições ou alusões a contos, tem-se que pode-se abrir chances de considerar que a crônica pode propiciar literatura.

No que tange a mais correlações com o gênero crônica, o texto supracitado, em evidência, nos lega algo substancial quando os autores, aproveitando-se da distinção considerada de língua, indicam que as principais são: por seu “uso literário”, por seu “uso cotidiano” e por seu “uso científico” (Wellek e Waren, 1970, p.14). Particularmente interessa aqui a distinção “uso literário”, isso em razão de que a crônica é um gênero em que nela se procura escrever bem. Pode-se depreender que ao cronista interessa “escrever com estilo”, e estilo de escrever é algo intrínseco à literatura.

Passemos a um artigo publicado por Alves Perez (PEREZ, 2020). A autora, para reforçar sua tese sobre literatura, utiliza textos de dois escritores de renome:

Escrever é esquecer. A literatura é a maneira mais agradável de ignorar a vida. A música embala, as artes visuais animam, as artes vivas (como a dança e a arte de representar) entretêm. A primeira, porém, afasta-se da vida por fazer dela um sono; as segundas, contudo, não se

afastam da vida - umas porque usam de fórmulas visíveis e portanto vitais, outras porque vivem da mesma vida humana. Não é o caso da literatura. Essa simula a vida. Um romance é uma história do que nunca foi e um drama é um romance dado sem narrativa. Um poema é a expressão de ideias ou de sentimentos em linguagem que ninguém emprega, pois que ninguém fala em verso. (PESSOA apud PEREZ, 2020; pg.01).

A autora tece suas considerações ao parecer do poeta português, afirmando, por exemplo, que “a literatura toma corpo e liberta-se do plano das ideias; transforma-se em um poderoso instrumento de comunicação e interação, difunde a cultura” (PEREZ, 2020).

Como procura-se aqui vínculos entre literatura e o gênero crônica, também da crônica pode-se inferir que é “poderoso instrumento de comunicação e interação, [e que] difunde cultura”. Isso não a candidata a ser literatura, mas, por um lado, a aproxima da fronteira que a separa da mesma.

Importa, também, para reforçar a procura por vínculos entre literatura e o gênero crônica, o fragmento do texto supracitado de Fernando Pessoa, no qual afirma que “A literatura é a maneira mais agradável de ignorar a vida”. Pode-se depreender, certamente, que uma crônica pode carregar teor adjacente a “ser uma maneira de ignorar a vida”. Isto em razão de que um bom texto em crônica, apesar de sua característica de “contar o dia a dia”, pode trazer tema diverso e conter teor suficientemente bom, a ponto de permitir que o leitor possa, ao lê-la, “fugir da realidade”.

Perez (2020; p.01) ao continuar citando Fernando Pessoa, traz o trecho em que o poeta afirma que “A literatura, como toda a arte, é uma confissão de que a vida não basta. Talhar a obra literária sobre as próprias formas do que não basta é ser impotente para substituir a vida” (PESSOA apud PEREZ, 2020, p.01). Nesse sentido, ao se analisar o fragmento “A literatura, como toda a arte, é uma confissão de que a vida não basta”, verifica-se que o poeta chama a literatura de arte. Assim, se uma crônica é tão bem escrita que pode ser considerada arte, nela pode, sim, haver algum traço de literatura.

Ainda conforme o artigo em questão, a autora cita o escritor argentino Jorge Luis Borges, destacando o trecho:

“Sem leitura não se pode escrever. Tão-pouco sem emoção, pois a literatura não é, certamente, um jogo de palavras. É muito mais. Eu diria que a literatura existe

através da linguagem, ou melhor, apesar da linguagem” (BORGES, apud PEREZ, 2020, p.01).

De entre as definições e postulações sobre literatura, às vezes depara-se com enunciados (ou ideias) um tanto instigadoras à reflexão, como é o caso acima, da citação de Jorge Luís Borges (1899/1986), tanto pela complexidade quanto pela profundidade empreendidas. O caso é que literatura, certamente, pode ser entendida, também, como geradora de conceitos e definições em que se emprega, em sua elaboração, um complexo jogo verbal, um emaranhado de palavras bem colocadas que remetem a um estilo formoso de escrever, bem como causador de admiração. Nesse caso, considere-se que a crônica, com seu “tema livre”, pode ser representada, também, pelos dizeres do autor.

Especificando, ainda no mesmo enunciado, Borges pontua que, sem emoção também não se pode escrever – o que parece dizer respeito, quase que unicamente, ao ato de criação. Leve-se em conta que um cronista, quando escreve, certamente acredita em seu texto e, portanto, o carrega de emoção. E, pode-se considerar, se essa emoção é intrínseca à toda escrita criativa, uma crônica pode, então, comportá-la; Se comporta-a, tem-se que agrega mais um elemento para conseguir resposta positiva à pergunta/problema.

Borges continua explicando que a literatura existe, “apesar da linguagem”. Tal constatação é interessante ao trabalho, pois, por exemplo, se certa linguagem utilizada numa crônica cede espaço à dúvidas ou cria dúvidas quanto ao fato de ela ser mesmo uma crônica no sentido estrito do termo, ou, por outro lado, estar o seu texto remetendo ao menos um pouco às adjacências estruturais de um conto, já permite – a própria dúvida –, fazer vislumbrar uma resposta positiva à pergunta/problema. Nesse caso, a literatura poderá estar presente numa crônica, ‘apesar’ da linguagem. No mais, pode-se até deduzir que, literatura, tal qual a crônica, é mesmo um “campo aberto”.

Como se pode constatar, literatura e o gênero crônica podem ter laços mais apertados do que se pode supor. Nesse caso, passemos à algumas considerações sobre crônicas, visando procurar mais ligações.

2- Considerações sobre o gênero crônica.

Tendo como objeto de estudo para o presente trabalho o gênero crônica, faz-se necessária uma abordagem que discorra sobre algumas definições do gênero em questão.

De acordo com Elizabeth Sigoli:

Crônica é um pequeno texto em prosa, que comenta assuntos atuais, não necessariamente os mais importantes. É assim como um bate-papo com o leitor. Por isso é leve, poética ou divertida, e sua linguagem é simples e comunicativa. A palavra crônica vem do grego *chroniká*, que deu no latim *chronica*, significando ‘história redigida segundo a ordem dos tempos’, isto é segundo a ordem cronológica (SIGOLI, 1973, p.43).

Em outra definição, tem-se que crônica “é um gênero textual narrativo típico de jornais e revistas. Seus temas, em geral, são ligados à vida cotidiana urbana” (MARINHO, 2021). Assim, por geralmente tratarem de textos curtos, de acontecimentos corriqueiros do cotidiano, costumam ter “vida curta”. É um gênero textual escrito geralmente em prosa e por serem extremamente conectadas ao contexto em que são produzidas, com o passar do tempo, as crônicas perdem sua validade ou ficam fora do contexto para o qual foram produzidas. A crônica tem por característica uma narrativa curta, uso de linguagem simples e coloquial, presença de poucos personagens (se houver) e tem temas relacionados geralmente a acontecimentos cotidianos, como postulado por Daniela Diana (2020).

Quanto aos tipos de crônica, há grande elenco, sendo que alguns tipos são mais usados que outros. São exemplos: Crônica literária; Crônica descritiva; Crônica narrativa; Crônica dissertativa; Crônica humorística; Crônica lírica; Crônica poética; Crônica narrativo-descritiva; Crônica jornalística; Crônica histórica; Crônica-ensaio; Crônica filosófica (PUCPR-EAD2020).

De entre os tipos de crônica vão surgindo os subtipos, sendo que um autor cronista pode até se especializar em uma área, tipificando sua crônica. Por exemplo, pode haver específica crônica culinária; crônica policial; crônica futebolística e, de forma um tanto ambígua, crônica literária. Ou seja, a crônica é “campo livre”, no sentido de que podem surgir crônicas de autores específicos, com tipos específicos de assuntos. Porém há que se frisar a chamada crônica literária. Isso porque o termo remete ou alude ao propósito do trabalho. Procura-

se, afinal, elos entre crônica e literatura, sendo constatável (ou, pelo menos, tem caráter indicador) que o termo “crônica literária” pode referir-se a mais que um significado – pode ter, no mínimo, duplo sentido. Isso porque pode o cronista (ou o leitor) considerar que a história narrada tem bagagem literária e, por outro lado, pode ser que um cronista faça uma crônica (literária ou não) sobre qualquer elemento ou evento do mundo literário. Enfim, pode ocorrer de haver uma crônica nada literária (no sentido de ausência total de literatura) falando magnificamente sobre literatura. O caso da “crônica literária” e seus (no mínimo) dois sentidos, se se exige exemplo, são facilmente distintos.

Ainda, a crônica, por ser um “campo livre”, pode intercalar-se entre gêneros e tipos textuais. No que se refere à sua posição entre gêneros textuais, a crônica se coloca como gênero entre o jornalismo e a literatura. Tal constatação é defendida por muitos especialistas e estudiosos, sendo um deles Ramos (2012) para quem a crônica: “gênero brasileiro eminentemente híbrido, tem estruturas narrativas que passeiam pelo jornalismo e pela literatura, cuja poeticidade ficcional das sensações e dos sentimentos universais humanos é transmitida por meio de uma estrutura verossímil” (RAMOS, 2012, p.9).

Ou ainda Batista (2018), que cita Bulhões (2007):

Para Bulhões, a crônica é tanto um texto jornalístico quanto literário. Suas composições factuais do dia a dia interagem com um espaço mais livre do texto que caracteriza o gênero da literatura. A crônica também se faz presente na rotina de um jornal, de modo que ela se afasta das notícias e consegue ter uma interação com o leitor (BULHÕES, 2007, p.50 apud BATISTA, 2018).

Percebe-se que já pode ser consenso a definição de que crônica é um gênero textual que se situa entre jornalismo e literatura. Nesse caso, pode-se percorrer (ou incorrer) por um texto oscilante, de tal forma que não esteja excluída dele a realidade cotidiana, enquanto que, no decorrer dele, vão ocorrendo “pinceladas” de jogo verbal, que visam embelezar a linguagem e/ou causar “estranhamento” – isto é, estar trazendo traços literários. E, no que diz respeito à sua aproximação com o jornalismo, há que se considerar que a crônica trata de fatos noticiosos do dia-a-dia, à sua maneira. Muitas vezes, o assunto da hora (ou do dia, ou do momento) vem relatado na primeira página, como fato noticioso oficial de um jornal. A crônica, em algumas situações, aborda o mesmo assunto,

porém de maneira a ser um “papo descontraído com o leitor” – e isso pode se dar na última página, por exemplo. Enfim, a crônica pode transmitir a mesma notícia, mas não exatamente com o “rigor” jornalístico. Nesse caso, no decorrer do tempo, e até na atualidade, há inúmeras crônicas que “pegam carona” na “notícia da hora”, num mesmo veículo, num mesmo dia.

Se crônica se situa entre literatura e jornalismo, imaginemos um pêndulo que pode pender para um lado ou outro – levando em conta que jornalismo é bem um oposto de literatura. Assim sendo, tem-se que pode se envolver com a (ou desenvolver) crônica mais de um tipo de autor. A crônica pode ser escrita, também, por contistas e por jornalistas, por exemplo – pode, na verdade, ser escrita por quem se disponha a fazê-lo. Mas, considere-se, “sentir” a crônica como um gênero ou outro (ou como uma mescla de gêneros) é – também –, concernente ao leitor. Pegue-se esta citação de Ferreira et al (2011):

Outro aspecto relevante quando se discute a noção de texto diz respeito à construção do sentido. O sentido não está dado no texto, como algo pronto, mas é produzido pelo leitor em cada situação comunicativa. Embora produza o sentido, o leitor não é livre para produzir qualquer sentido. Como seres socioculturais, autor e leitor partilham conhecimentos, crenças, valores, etc. e atuam ativa e colaborativamente na construção do sentido (FERREIRA et al, 2011, p. 16).

Pode-se depreender que, de maneira um tanto quanto apenas individual, em sintonia com sua específica “visão de mundo”, o leitor poderá considerar uma crônica como portadora de atributos literários. Portanto, considerar que há literatura em uma crônica pode passar por ser sensação subjetiva – de específico leitor. Mas não terá ele como classificá-la – não é de sua alçada; Apenas terá liberdade íntima para entendê-la como coisa ou outra (como crônica ou conto). E tudo dependerá até mesmo de um “momento” do leitor; dependerá do contexto copartilhado; do tempo em que tal texto for lido – lembrando que o gênero crônica é influenciado pela noção de tempo.

Observe-se ainda que, se é o texto literário causador de “estranhamento” (EAGLETON, 1983, p.5), qual seja, “causador de admiração”, causa essa admiração em alguém – e esse alguém é o leitor. O texto literário instiga a ler e, se lido, faz, então, com que venha mesmo à tona a importância da figura do leitor – afinal é ele quem “atribui sentido” ao texto (FERREIRA et al, 2011). Toda essa

trama remete à pergunta/problema do trabalho, e as constatações obtidas facilitam na elaboração de uma tentativa de resposta.

Levando-se em consideração que há hábeis cronistas e hábeis contistas, é fundamental que se analise a crônica de Carlos Heitor Cony (2002), intitulada “A crônica como gênero do jornalismo e da literatura”. Como temos em conta de que crônica é um gênero que se situa entre literatura e jornalismo, é de grande valia um texto sobre o gênero em questão que aborda, também, o jornalismo. O autor pergunta (e responde) a certa altura: “O que é o jornal? É um periódico, uma coisa feita de período em período” (CONY, 2002). E prossegue, citando uma imagem precisa de *jornal*, feita pelo escritor tcheco Franz Kafka (1883-1924), que diz que “um jornal é tal qual um trem, que tem horário (é periódico) de sair. Porém o trem pode sair com bancos vazios, mas o jornal não pode sair com espaços vazios” (CONY, 2002). O autor prossegue explicando que, na atualidade, quem preenche os espaços vazios (“bancos vazios”) dos jornais são as crônicas.

Parece haver, nessa constatação de que a crônica ocupa lugares destinados a circular vazios, quase uma fina ironia, afinal, se se está diante de uma crônica, está-se diante de um passageiro singular, que pode revelar-se até mesmo portador de nobreza. As crônicas, com sua narrativa diversa, em linguagem “leve, poética ou divertida”, muitas vezes dotada de “colorido emocional”, podem enobrecer um jornal. Também enriquecerá o conteúdo de um jornal ao relatar de maneira mais palatável o acontecimento muitas vezes trágico (ou menos empolgante) do dia-a-dia – claro que, por outro lado, a crônica pode dar uma conotação trágica (e necessária) a assuntos sérios que se passam por insossos no jornalismo oficial. A crônica informa, enfim, de maneira diferente do modo como é realizado pelo jornalismo e, em seu lado que pode pender para a literatura, possibilita um “recreio” ou descanso ao leitor – muitas vezes “encantando-o”. E o ponto aqui é: se a crônica carrega “colorido emocional”, “poético”, aproxima-se da literatura – sendo essa a outra perspectiva a partir da qual a crônica é abordada no texto de Cony (2002), uma vez que o autor chega a falar em “jornalismo literário”, ainda que não chegue a uma conclusão.

Dando sequência, Cony (2002) afirma que

A literatura é, em essência, o oposto do período, do tempo. Ela procura ser intemporal, sem vínculo com a data – nada mais

frustrante do que a literatura datada. Daí a conclusão de que a crônica, como gênero jornalístico ou como gênero literário, é uma contrafação. [...] Qualquer relato levava o nome de crônica, que tem embutido o conceito de tempo (cronos), cobrindo um período, sendo, portanto, um periódico. (CONY, 2002, p.17)

O autor versa aqui a literatura como oposição ao tempo, enquanto lembra que a crônica tem a ver com o tempo ('cronos'). Ou seja, parece propor, de certa forma, que a crônica, tendo essa ligação com o tempo, acaba se afastando de qualquer laço com a literatura – afinal essa se entrelaça é com o atemporal. De mesma forma, sutilmente aparta crônica de jornalismo, uma vez que crônica, afirma, é um periódico, enquanto que jornalismo não o é – da mesma forma que a crônica.

Definições e postulações por mais interessantes que sejam, certamente jamais encerrarão ou colocarão fim a questões ligadas à literatura. Então aqui não se tomará ao pé da letra o que articulou o autor na citação precedente. No entanto ela premia a presente pesquisa, uma vez que se quer averiguar se determinada crônica pode romper a barreira do tempo e tornar-se atemporal, enfim, propiciar alguma literatura.

E, sempre se guiando pela ótica de ser a crônica um gênero que se situa entre jornalismo e literatura, poderá ela, se escrita com esmero, se mostrar portadora de traços literários. Acaso isso ocorra, poderá romper a barreira do tempo e se “eternizar”.

É vasto o campo comunicativo que traz a crônica, sendo que um cronista pode dissertar sobre a crônica, escrevendo uma crônica. Pegue-se fragmentos de uma crônica que, além de ter como tema o próprio gênero crônica, ambienta-se no terreno de suas ambiguidades. Assim dá início à sua crônica:

Uma leitora se refere aos textos aqui publicados como 'reportagens'. Um leitor os chama de 'artigos'. Um estudante fala deles como 'contos'. Há os que dizem: 'seus comentários'. Outros os chamam de 'críticas'. Para alguns, é 'sua coluna' (ANGELO, 2007).

Percebe-se aqui que crônica está mesmo, à visão do leitor (aquele que “coloca sentido no texto”), como algo intrínseco ao jornalismo e, ao mesmo tempo, como algo que pode incorrer em literatura. E o autor continua: “Estão errados? Tecnicamente, sim – são crônicas –, mas... Fernando Sabino, vacilando

diante do campo aberto, escreveu que ‘crônica é tudo o que o autor chama de crônica’”.

Interessante, aqui, a averiguação de que, diante de uma crônica, está-se em “campo aberto” e, nesse caso, pode-se “vacilar”. No mais, pode-se concordar ou discordar que é crônica aquilo que seu autor chama de crônica, mas, ao menos, parece ser o termo crônica um “escape”, uma “fuga” (de prestar-se a dar nome mais específico a algum assunto escrito): o autor escreve e pronto – e, quando escreve, certamente se ocupa com elucubrações sobre a “aceitação” (ou “futuro”) de seu texto, mas não permite que isso venha a barrar sua inspiração ou a limitar sua articulação com o jogo de palavras. De toda forma, a crônica se mostra candidata a ser um dos gêneros textuais mais versáteis no que tange ao modo de informar.

Siga-se com mais um fragmento: “A dificuldade é que a crônica não é um formato, como o soneto, e *muitos* duvidam que seja um gênero literário, como o conto, a poesia lírica[...]” (ANGELO, 2007). Percebe-se, aqui, a ação ou constatação do elemento leitor, pois é ele quem aparece ou está representado em *muitos* no fragmento supracitado. Constata-se, então, que há gama de leitores, cada qual com sua particular interpretação e “colocação de sentido”, no texto lido.

No mais, corroborando a importância do leitor, a certa altura de seu texto, ANGELO pontua, sempre sobre a crônica: “Por que deu certo no Brasil? Mistérios do leitor. Talvez por ser a obra curta e o clima, quente” (ANGELO, 2017). Na sequência, pontua ainda:

A crônica é frágil e íntima, uma relação pessoal. Como se fosse escrita para um leitor, como se só com ele o narrador pudesse se expor tanto. Conversam sobre o momento, cúmplices: nós vimos isto, não é, leitor?, vivemos isto, não é?, sentimos isto, não é? O narrador da crônica procura sensibilidades irmãs (ANGELO, 2007).

No mais, como crônica e conto podem, também, se confundir devido à semelhanças textuais, seguir-se-á nessa linha de averiguação. Desse modo, faz-se necessário analisar o gênero conto, sobretudo em razão do fato de conto e crônica terem uma mesma estrutura e um formato parecido, entre outras similitudes. Consideremos uma definição de conto, em que o gênero é definido como “narrativa breve escrita em prosa, sendo mais curto que o Romance e a Novela.

Tal qual um texto narrativo, ele envolve enredo, personagens, tempo e espaço”
(Rodrigues, 2021, p.5).

Tal análise ocupará o próximo capítulo.

3 - Crônica e Conto: aproximações e distanciamentos

Os gêneros crônica e conto se assemelham no formato, uma vez que ambos se apresentam como narrativas curtas, com princípio meio e fim bem definidos, com escolha bastante criteriosa de palavras.

A partir dessas considerações iniciais sobre o conto, pegue-se algo mais sobre este gênero literário. Nesse caso, passa-se a algumas definições lexicais, onde o conto é definido como:

Gênero de prosa de ficção / Narrativa folclórica; história mentirosa / Narrativa ficcional breve; historieta, estória; conto popular / Narrativa breve, escrita ou falada, com uma ação e poucos personagens (DICIO, 2021).

Ou ainda:

1.Narrativa breve, que prefere a concisão à prolixidade, e que contém um só conflito e uma única unidade dramática, enfatizando mais a ação do que os personagens. 2.História ou historieta imaginada. 3.Mentira ou impostura que tem por finalidade enganar pessoas simplórias; embuste, logro, vigarice” (MICHAELIS, 2020).

Vê-se que as definições lexicais do gênero literário conto podem variar entre menos complexas e mais complexas, porém, talvez seja aquele que comporta mais complexidade estrutural em relação a seus pares – por exemplo, um conto pode narrar duas histórias ao mesmo tempo, uma explícita e outra implícita, que vão se entrelaçar em algum momento.

Pegue-se o livro **A teoria do conto**, de GOTILIB (1990) no qual, entre as tantas considerações sobre tal gênero literário, a autora, a certa altura, pontua sobre as três acepções da palavra conto:

1.relato de um acontecimento; 2.narração oral ou escrita de um acontecimento falso; 3. fábula que se conta às crianças para diverti-las. Todas apresentam um ponto comum: são modos de se contar alguma coisa e, enquanto tal, são todas narrativas (GOTILIB, 1990, p.8).

Observa-se que conto e crônica tem, mesmo, pontos estruturais em comum. Claro que há os distanciamentos. Por exemplo, sobre crônica não se pode dizer que é “fábula que se conta às crianças para diverti-las”, mas pode-se afirmar que é “relato de um acontecimento”, e, principalmente, a questão do “ponto em comum” pode ser estendida à uma definição de crônica: tanto conto como crônica “são modos de se contar alguma coisa e, enquanto tal, são todas narrativas”.

Assim, uma vez que se remete a narrativas, a autora passa a considerar e a fazer tratativas em torno do termo/significado *narrativa*:

De fato, toda narrativa apresenta: 1. uma sucessão de acontecimentos: há sempre algo a narrar; 2. de interesse humano: pois é material de interesse humano, de nós, para nós, acerca de nós: “e é em relação com um projeto humano que os acontecimentos tomam significação e se organizam em uma série temporal estruturada”; 3. e tudo “na unidade de uma mesma ação”. No entanto, há vários modos de se construir esta “unidade de uma mesma ação”, neste “projeto humano” com uma “sucessão de acontecimentos” (GOTILIB, 1990, p.8).

Nota-se que o fragmento em consideração remete ao gênero conto e pode ser referente, também, ao gênero crônica – e, claro, outros tipos textuais podem estar aqui parcialmente representados.

Posto que têm-se como objeto neste capítulo aproximações entre conto e crônica, pode-se depreender que crônica, quando pende para a literatura, adquire ares de conto. Aprofundando-se na aproximação entre os dois gêneros, vê-se que a crônica envolve, também, enredo, tempo e espaço, podendo trazer personagens – a diferença é que o conto, por ser literatura, pode, entre outros atributos, “causar estranhamento” (EAGLETON, 1983). Mas, considere-se ainda, se uma crônica, em algum momento, pende para a (ou é entendida como portadora de) literatura, não só se poderá constatar que fora por capricho ou estratégia de seu autor, mas, também, pela interpretação da gama de leitores. Nesse caso, se um conto é feito para encantar, para causar “estranhamento” e, muitas vezes, para se “eternizar” (lembramos que literatura é inerente à atemporalidade), uma crônica poderá alcançar efeito similar – sem deixar de ser originalmente crônica. No mais, o presente trabalho considera que uma crônica pode apresentar ares de literatura e pode até, em certos casos, ser confundida com o conto, mas não quer sugerir, de modo algum, que há promoção de um gênero a outro. Por sinal, é constatável (e indiscutível) que cada gênero textual tem seu valor íntegro e próprio, sem que haja espaço pra se falar em qualquer tipo de hierarquia.

O conto é feito para ser literatura, enquanto a crônica, tendo geralmente como veículo o meio jornalístico, é, na maioria das vezes, feita para, simplesmente, ser um “papo descontraído com o leitor”. Se é feita simplesmente para ser um papo descontraído com o leitor, pode-se depreender que não é elaborada com pretensão ou compromisso de ser literatura. Porém, se ganha (do

autor) atributos de literatura e, ao mesmo tempo, vem a causar efeitos de “estranhamento” no leitor, pode talvez “eternizar-se”, para o deleite de seu autor.

Um autor, nessas condições, lançará com muita pompa o seu “livro de crônicas”, de posse da ideia de que há ali, também, contos literários embutidos. O caso é que, quando na sua refrega com as palavras e com o fio condutor de suas histórias, talvez até tenha não pensado em fazer literatura, mas percebera, depois, que o embelezamento/estranhamento se fizera, de alguma forma, presente. Então, se crônicas bem redigidas, “inspiradas”, contará, o autor, que um leitor ou outro as leiam como verdadeiros contos. Acaso isso ocorra, não incorrerá no expediente de que passara a ser melhor escritor, mas que se tornara produtor de escritos que se enquadram em um outro gênero textual. Por outro lado, se uma crônica pende para o jornalismo, ainda assim pode ser produzida sem pretensão alguma de transmitir, com precisão e exatidão, o fato noticioso. Nesse caso, seria uma maneira de o cronista passar uma notícia, mesmo uma “notícia ruim”, de modo mais descontraído – por sinal, uma das características do gênero crônica.

Certamente é fácil classificar uma crônica como portadora de ares de literatura, se ela deixar de apenas se manter como um “papo descontraído com o leitor” e passar a “encantá-lo” e causar-lhe “estranhamento”. Da mesma forma, é fácil classificar uma crônica como portadora de ares de jornalismo se ela passar a notícia verídica, mesmo que sob o formato de “papo descontraído” – com o leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considere-se que não há conclusão cabal de que é possível definir, precisamente, uma linha divisória entre crônica e conto – de mesma forma, não há uma linha divisória precisa entre crônica e texto de teor jornalístico. Interessa-nos, afinal, saber se pode a crônica propiciar literatura. Nesse caso, se não há linha divisória precisa entre crônica e conto, quando a primeira flerta com a literatura, pode-se considerar que adentrou o campo literário. Se a crônica carrega, não importando o volume, ares literários, pode-se chegar à conclusão de que sim, pode a crônica propiciar literatura. Claro que o fato de encontrar rebusco literário em uma crônica vai, como foi aqui considerado, depender, ainda, da interpretação, com concordância ou não, da gama enorme de leitores. Em todo caso, se um texto em crônica pode ser considerado conto, levando sempre em conta que conto aqui representa literatura, o leitor é naturalmente eleito para dar o seu parecer, mesmo, claro, que não haja unanimidade – em tais pareceres. De certa forma, essa falta de unanimidade, a causa discutível em si, já corrobora para se poder considerar que se trata de literatura, afinal a literatura pode, entre outros atributos, “causar estranhamento” – e aqui pode-se até dar outra conotação a “estranhamento”.

Também, a questão de a crônica propiciar literatura é dependente do fator tempo, afinal tal fator pode se tornar primordial para análises e conclusões, pois dada crônica pode ser um texto representativo para determinado período, não fazendo sentido, porém, com a passagem do tempo, uma vez que são escritos nos quais os fatos cotidianos estão presentes. Se uma crônica é lida quando enquadrada no “momento” da escrita, faz todo sentido, todavia, caso seja lida anos depois, provavelmente o leitor precise relacioná-la ao momento de sua escrita – algo que, em tese, não acontece tão necessariamente com a leitura de (e colocação de sentidos em) contos, por exemplo.

Mas o fator tempo e o fator leitor não são os únicos a serem considerados na questão. Parece haver algo que remete a uma lógica quase matemática – algo em que é possível deduzir apenas após realizar observações bastante calculares: se postula-se que a literatura enquadra-se em modos especiais de escrever e que crônica, inversamente, é uma maneira de um escritor conversar descontraidamente com um leitor, tem-se, de fato que, a uma primeira vista, se remete a assuntos

bastante antagônicos, mesmo que, na realidade, possam estar num mesmo texto, entrelaçadas.

Assim sendo, pretendeu-se, com o presente trabalho, contribuir para encontrar melhores pareceres ao tema que foi desenvolvido. Entende-se aqui que muito se discute sobre o assunto, ainda que esclarecimentos definitivos não tenham sido postulados, sobretudo por a questão gerar posicionamentos contrários quando a pergunta que se coloca é a da possibilidade de a crônica propiciar literatura.

Ainda assim, oferece-se aqui uma inclinação para resposta positiva à pergunta que intitula a presente pesquisa, uma vez que tudo indica que as complexidades da língua, bem como os meios, por vezes complexos, das formulações de textos, que são plurais e distintos ao sabor da gama de estilos de autores e, também, pela definição ou formulação dos fios condutores de texto, muitas vezes redirecionadores de assunto, fazem com que crônica e literatura se comportem, cada qual, como navios circundando um globo, onde, quanto mais se distanciam pela popa, mais se aproximam pela proa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANGELO, Ivan. **Sobre a crônica**. Veja: São Paulo, 25/4/2007. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/sobre-cronica/>. Acesso em abril 2021.

BATISTA, Ariane Kesia Lopes. **Jornalismo e literatura: Um estudo da crônica como gênero híbrido**. Belo Horizonte - MG, 7 jun. 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2018/resumos/R63-1080-1.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2021.

CONTO: **Significado de Conto**. [S. l.], 26 abr. 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/conto/>. Acesso em: 26 abr. 2021.

CONY, Carlos Heitor. **A crônica como gênero do jornalismo e da literatura**. Folha de São Paulo. 06 dez. 2002. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0612200235.htm> Acesso em: 13 jul. 2020.

DIANA, Daniela. **Literatura: Gênero Dramático**. 11 mar. 2021. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/genero-dramatico/>. Acesso em: 11 mar. 2021.

_____. **Literatura: Gênero Épico**. [S. l.], 11 mar. 2021. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/genero-epico/>. Acesso em: 11 mar. 2021.

_____. **Literatura: Gênero Lírico**. 23 mar. 2021. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/genero-lirico/>. Acesso em: 23 mar. 2021.

_____. **Literatura: Gêneros Literários**. 11 mar. 2021. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/generos-literarios/>. Acesso em: 11 mar. 2021.

_____. **Literatura: O que é Literatura?**. [S. l.], 11 mar. 2021. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-literatura/>. Acesso em: 11 mar. 2021.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: Uma Introdução**. Trad. Waltensir Dutra. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FERREIRA, Helena Maria...[et al]. **Leitura e produção de textos: guia de estudos**. UFLA, 2011.

LITERATURA: **Significado de Literatura**. [S. l.], 11 abr. 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/literatura/>. Acesso em: 15 mar. 2021.

LITERATURA: Arte da Palavra. [S. l.], 11/03/2021. Disponível em: <http://www.portalliterario.med.br/Imagens%20e%20Links/literatura.htm>. Acesso em: 11 mar. 2021.

MARINHO, Fernando. **Crônica**. Disponível em: <https://www.portugues.com.br/>. Acesso em 19 mar. 2021.

PEREZ, Luana Castro Alves. **Literatura**. [S. l.], 11 mar. 2021. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/literatura>. Acesso em: 11 mar. 2021.

PUCPR, EAD. **O que é crônica**: Características, tipos, como fazer e exemplos. [S. l.], 23 out. 2020. Disponível em: <https://ead.pucpr.br/blog/o-que-e-cronica>. Acesso em: 11 mar. 2021.

RAMOS, Gabriela. **A crônica como interseção entre jornalismo e literatura**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/R33-1901-1.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2021.

SIGOLI, Elizabeth. **REVISTA GRUPO ABRIL**. Manual do Peninha. 1973.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2003.